



CULTURA

UMA VIDA PARA A MÚSICA

Na edição especial de aniversário de Fernandópolis, o Cultura! prestigia prata da casa... Quer dizer, é o maestro Luís Fernando Paina que prestigia este suplemento com entrevista em que falou sobre sua família, seus projetos e sua carreira na música
Págs. D4 e D5

Caronte

Se tivermos de atravessar o Aqueronte, onde estará nossa moeda?
Pág. D4

Sacerdócio

Uma divertida crônica de Hércules Domingues de Faria
Pág. D3

Os Dois

Algumas tirinhas filosóficas do Osmar e do Dito
Pág. D3

Romantismo e transgressão

A análise da principal obra de Manuel Antônio de Almeida
Pág. D6

Mãe é um presente

A prosa poética de Isabela Zarda
Pág. D6



Um pouco de

Cada arte...

CARONTE



*
O.A.
SECATTO

oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

*Dinanzi a me non fuor cose create
se non eterne, e io eterno duro.
Lasciate ogne speranza, voi ch'intrate.*

(...)

*Ed ecco verso noi venir per nave
un vecchio, bianco per antico pelo,
gridando: "Guai a voi, anime prave!"*

*Non isperate mai veder lo cielo:
i' vegno per menarvi a l'altra riva
ne le tenebre eterne, in caldo e 'n gelo."*¹

Inferno, Canto III, versos 7-9 e 82-87
A Divina Comédia
Dante Alighieri

Um céu noturno é o que viu ao abrir os olhos. Mas era com nuvens densas e sufocantes que a baixa abóbada estava preenchida. Raios e trovões em tais alturas. Estando deitado em grande desconforto, fitava o céu com esforço, eis que as nuvens pareciam-lhe ir de cima a baixo aos olhos, como um pêndulo impensável. Então, um vapor denso o cercou: uma névoa espessa e pouco agradável às narinas. Ouviu o cheiro de água, como que revolta. Finalmente caiu em si. Estava n'água, por todos os lados rodeado, num barco escuro. Não eram as nuvens que penduleavam diante dele, mas ele que acompanhava o bote sobre as cristas das ondas. Uma forma assomava na popa, de pé, coberto por uma turva túnica. Estava descalço. Mãoz pálidas e finas manejavam um grande remo de cauda; e um capuz tolhia a todos a visão de seu rosto, enquanto uma barba grisalha de lá saía em meio ao ne-grume como que por pura magia. Aprumou-se no barco e, já sentado, se equilibrando, dirigiu-se ao homem:

— Quem és tu? E onde estou?

— Ora! — retrucou o velho, com voz se-
vera — Como se te desses o luxo de ignorar
meu nome!

— Só pergunto porque não sei.

— De fato, não deves mesmo. E por que
deverias saber o nome daquele que faz a tra-
vessia? Tempos funestos!

— Mas quem és, senhor?

— Tolo e ignaro! — replicou. E, tirando o
capuz, disse-lhe com olhos coruscantes e al-
tivez — Sou Caronte, teu guia por tais águas
tempestuosas.

— Caronte? Mas que Caronte?

— O barqueiro, segundo dizem.

— E que barqueiro?

— Só te somas aos idiotas que aqui recebo.
A diferença é que, ao contrário de ti, não os
posso atravessar. Quisera eu poder ao me-
nos arremessá-los ao Aqueronte! Aos baldes
vagueiam por estas ribeiras, desprovidos de
moeda que seja. Por onde andaste em vida,
que não sabes da morte e de seus procederes?

— Em verdade não fui instruído de ti, nem
de tais procederes. Não sei mais do que me
bastava a minha religião: e nela não estavas

previsto... Mas... Como é que disseste? —
aterrou-se — Morte?

— Sim, estás morto. Nada da vida resta
em ti. — E continuava a remar.

— Morto? Como assim morto?! Eu não
morri! Não posso ter morrido! — gritou atur-
dido — A sonhar com o elíssio, eramá fui ter
com a morte! Não pode ser. Não pode. Não.

— Olha tuas vestes e repara o sangue. É
teu. Agradece, contudo. Afortunado és: já ti-
nhas tua moeda. Sê feliz, pois alguma alma
de caridade apiedou-se de ti em tua morte...
Ou temia que retornasses para assombrá-la...

— Mas como vim parar aqui? Como fui
trazido para cá?

— Desses detalhes não me incumbio. Co-
mo tiveste o ventre aberto e de que jeito con-
quistaste teu óbolo são assuntos que não me
cabem e que não perquiro. Bastam-me os pe-
sadelos da mente que nunca dorme.

— Por que a morte não me permitiu fa-
lar-lhe? Ter-lhe-ia explicado meu fato e mi-
nhas inconclusões. Projetos e sonhos inaca-
bados. Ter-lhe-ia argumentado! Meu tempo
ainda não havia se esgotado. Decerto me te-
ria escutado e, atentando ao engano, haver-
me-ia posto de volta à vida, a que pertencia.

— Vida é termo teu já de antanho. Ora te é
a morte apenas. Querias altercar com a mor-
te, então? E lhe explicar tuas razões? Um ra-
ciocínio, talvez? Bah! *Vae victis!* grita a mor-
te aos oradores retóricos da hora derradeira.
Não aceita a morte assunto ou argumen-
to que seja, pois em tal hora sua é a vitória.
Humilhar-te-ias em vão. O jogo é perdido: a
morte sempre vence.

— Pobres mortais somos... Senhores de
nada no mundo: é só o que posso concluir...

— E tu, como te chamas?

— Por batismo, sou Virgílio.

— Valham-me meus senhores! Outro não
me cabe! Acaso não vieste pelo érebo guiar
alma viva contra minha vontade e meu gos-
to? Serias tu mestre outro de Dante, de Ali-
ghieri condutor?

— Não te comprehendo, ou o que dizes.

— AbANDONA o assunto. Não o quero re-
lembrar...

Naquele momento, Virgílio serenou-se por
instantes, reflexivo, para então perturbar-se
em razão de seu esquecimento ou sua igno-
rância. Num afã de curiosidade e inquieta-
ção, indagou ao barqueiro:

— Decerto cometí algum crime para estar
aqui? E como chegarei ao Paraíso, se existir?

— És inclinado a escarnecer de minha pa-
ciência ou apenas vítima da tua própria par-
voice? Difícil dizer, confesso.

— Qual a razão do commento?

— Os mortos de fato não se recordam
lá de muita coisa da vida, eis que não
mais a têm. Entretanto, de todos que
já atravessei, em muitos vi a som-
bra da desgraça sobre o semblante e palavras murmuradas a re-
moer infortúnios. Apegam-se
às suas infelicidades: olvidam
suas alegrias.

— Seria eu, quiçá, rara ex-
ceção...

— Já foi dito um dia:

*Quinci non passa mai ani-
ma bona.*² Vê por ti mesmo
o que disso extrais. Sim, o
Paraíso existe. Digo-te, po-
rém, que não há engano nas
estruturas da morte. Teu
passado te pesou, mais que
teus bons atos.

— Não me lembro de
meus últimos dias, ou se fiz
algum mal. Ao contrário do

que dizes, vêm-me à memória minha famí-
lia e minhas coisas. Meus projetos.

— Conforme disseste, quiçá rara exceção.

— Mas por que te aborreces com os que
vagueiam pelas ribeiras?

— São moedas que não me chegam! Já não
se segue a tradição e o óbolo não mais é pos-
to sobre a boca ou sob a língua dos mortos.
Há gente demais do outro lado do Aqueronte...
E há moedas de menos em minha arca...

— Para que queres moedas? E onde gas-
tá-las?

— Quando tiver o suficiente, comprarei
minha liberdade.

— E quanto deves ajudar?

— O que julgarem meus juízes.

— Haveria salário a um servo do inferno?

— Isso que dizes não sou! — exasperou-se
o barqueiro, com olhos vívidos e fulgurantes — Sou aquele que se atarefou do servi-
ço sujo dos céus: um limpador de fossas de
outra estirpe...

— Como assim?

— Não escolhi isso para mim. Foi-me im-
posto, bem o saibas.

— E o que, então, viria ao encontro de tua
preferência e desejo?

— Sair daqui, abandonar as águas e des-
cansar; pés firmes no chão. Enquanto todos
vão para seu repouso eterno, ou seguem seus
caminhos pelos círculos, estou a labutar.
Lançou-me aqui poder maior, como punição
por meu desejo. Ao érebo fui acorrentado.

Diante da lamuriosa conversa de Caronte,
uma faísca de pensamento atingiu a mente
de Virgílio, como o raio que acerta a árvore.
Foi num rasgo que disse:

— Leva-me de volta.

— Tens na testa a marca da estupidez cer-
tamente! Isso não te é permitido. Muito me-
nos a mim. Tal é a regra.

— Toda regra se submete a exceções, sem
dúvida!

— A certeza é só tua. Dela te digo que não
comungo.

— Algo deves saber, velho Caronte.

— Se soubesse, por que to diria?

— Pelo meu nome, que te assombrou, e
pelo que te posso prometer.

— Já por mim passaram Hércules, Orfeu,
Eneias e Dionísio. E eles voltaram por onde
vieram. Teu nome é célebre, mas tu, não.
Minha agora é a necessidade de mais si-
nônimos de parvuléz para a ti me di-
rigir... — E continuava a remar.

— Insisto, barqueiro.

— E qual é a promessa?

— Leva-me de volta
que reavivarei a tra-
dição.

— A qual te
referes?

— O óbolo voltará a fluir e a te encher a
arca. Juro-te. E os que virão trarão consigo
moedas para os que vagam pelas margens!

— Sandices! Não te posso fiar.

— Não hei de fugir. Não poderia. Virei com
meu próprio óbolo e, caso não avive a tradi-
ção em uma moeda que seja, no dia de minha
morte, quando diante de ti novamente, po-
des arremessar-me no Aqueronte, ou deixar-
me errar pela eternidade na ribeira do rio.

— Isso me pode custar alto preço.

— Ou render-te a liberdade.

— Veremos tua eficácia. Que seja. Tens
minha palavra. Aproveita teu tempo e conclui
teus trabalhos: terás dez anos, e dez
anos apenas.

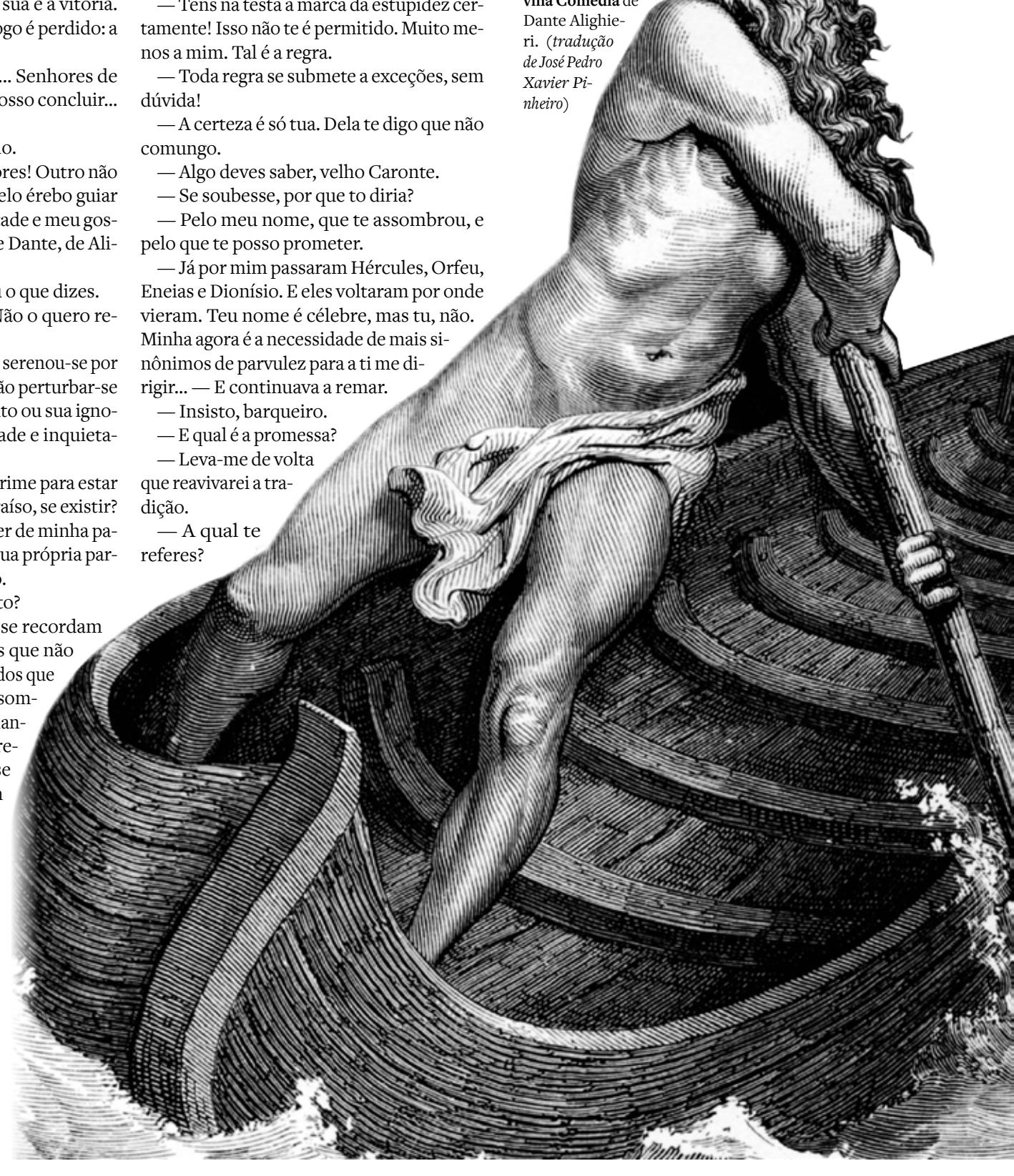
— Dez anos? Tal prazo é mais que tempo.

— Pode-o ser para ti. Para mim, logo esta-
rás de volta. Nesse tempo, não te esqueças
de tua promessa, pois é o cumprimento de-
la que te vai render a passagem ou o afoga-
mento sem fim. Vai.

Caronte, assim, tocou-lhe a testa com o
dedo indicador. Virgílio se foi.

¹ No existir, ser nenhum a mim se avança, / não sendo
eterno, e eu eternal perduro: / Deixai, ó vós que entrais,
toda a esperança! (...) Eis vejo a nós em barca
se acercando, / de cãs coberto um velho – “Ó con-
denados, / ai de vós!” – alta grata levantando. / “O
céu nunca vereis, desesperados: / por mim à treva
eterna, na outra riva, / sereis ao fogo, ao gelo trans-
portados.” (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro)

² “Alma inocente
aqui jamais tran-
sita.” Infer-
no, Canto III,
verso 127. A Di-
vina Comédia de
Dante Alighieri.
(tradução
de José Pedro
Xavier Pi-
nheiro)



Palavra



“Um escritor só escreve um único livro, embora esse livro
apareça em muitos tomos, com títulos diversos.”

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

NASCIDO EM ARACATACA, COLÔMBIA, EM 1927, O AUTOR DE “DOZE CONTOS PEREGRINOS”, “O AMOR NOS TEMPOS DE CÓLERA” E “CEM ANOS DE SOLIDÃO”, DENTRE OUTROS, MORREU NA CIDADE DO MÉXICO, EM 2014.

GABRIEL



Cultura! é uma publicação do jornal
O Extra.net, concebida por O.A. Secatto
com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Crônica

'Professores tiveram de ouvir um vereador justificar a recusa do Executivo com o argumento pedestre de que magistério é sacerdócio...'

HÉRCULES DOMINGUES DE FARIA

Em 1977 ou 78, o Estado lançou concurso de ingresso para professor de segundo grau. Nove anos eram passados do último, os organizadores haviam perdido a embocadura, carregaram a mão nas dificuldades. Foi um arraso. A aprovação com notas inesperadamente altas me conduziria à cadeira no Colégio A. J. Moreira, 150 metros de minha casa. Diante do impedimento de acumular o cargo com emprego numa estatal, impôs-se a opção de ficar onde estava há 15 anos, embora o salário ali fosse um pouco menor. Pesaram na decisão as perspectivas de ascensão em carreira e os benefícios de seguridade. Não deixa de ser interessante notar que a exigência do Estado era maior do que daquela

SACERDÓCIO, UMA OVA

instituição nos respectivos concursos. Não que o da estatal fosse moleza. Não foi, não era. Tinha índice de aprovação avaro até uns anos atrás. Havia esquisitices como provas de Inglês e Francês. Elementares, mas que exigiam batismo nas línguas. Troço besta exigir isso de candidato a escriturário que trabalharia no País. O certame não se condicionava à existência de escolaridade, ao passo que o Estado só admitia graduados em curso superior. Ficar na estatal foi opção sábia. Lá, haveria chateação em pena, mas galgaria postos enquanto professores regrediriam em matéria de remuneração a tal ponto que a comparação, hoje, é acachapante.

Pois ano passado [2007], professores de Mirassol, em campanha por reajustes, tiveram de ouvir um vereador governista justificar, em reunião, a recusa do Executivo com o argumento pedestre de que magistério é sacerdócio. Em lugar de mandá-lo plantar batatas ou tomar purgante para arejar a cabeça, uma professora observou-lhe que os mestres têm casa, família, amiúde filhos que teimam em comer todos os dias, contas a pagar, etc, etc. Ademais, ninguém ali fizera voto de pobreza. Esse mesmo pessoal, sempre perdido e mal pago, reivindica reajustes este ano. Merecidos e necessários. Haverá mais reuniões. Não se sabe o porquê, mas vereadores estarão presentes de novo. Bom que eles reflitam, antes de proferir asneiras solenes, sobre os muitos ralos por onde se esvai o dinheirinho da viúva. Empreguismo, por exemplo. No início do mandato anterior, a prefeitura daqui tinha 16 assessorias de livre preenchimento no primeiro escalão. Foram feitas oito nomeações. Mais não era preciso. O quatriênio terminou com 22. Oito desnecessárias, mais seis. Hoje, parece que são 26. Não são cargos, mas sinecuras para abrigar apaniguados, prebendas dadas a parasitas. Pagas pelo contribuinte, coitado. Sacerdócio, tínhamos antes do Pacote de Abril, de Geisel, que instituiu

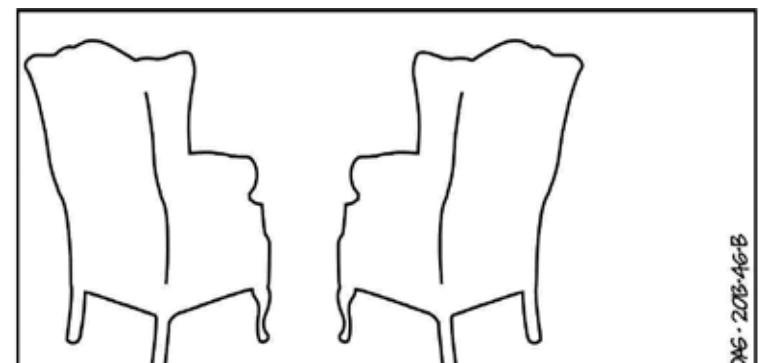
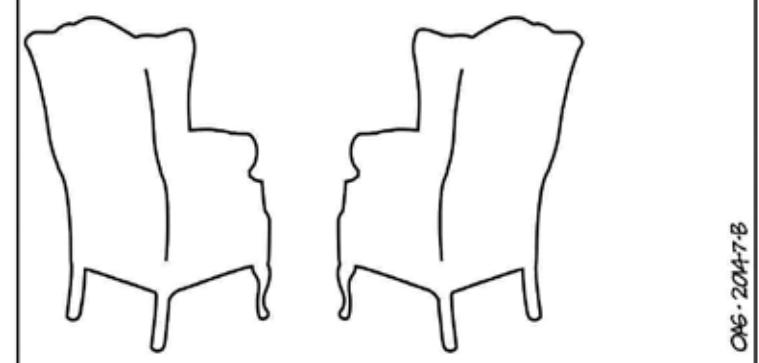
remuneração para a vereança. Então, homens honrados, probos e qualificados doavam seu tempo ao serviço da cidade. Nada a ver com essa gente que agora se candidata. Em robusta maioria, apenas constrangedora súcia de papa-empregos, um olho no cofre, outro no umbigo.

PS - Não há ser contra salário de vereador. Aborrece, contudo, a má qualidade do trabalho deles.

*

HÉRCULES DOMINGUES DE FARIA,
BANCÁRIO APOSENTADO E FORMADO
EM LETRAS, FOI COLUNISTA DOS JORNALIS
'CORREIO DE MIRASSOL' E 'DIÁRIO DA
REGIÃO'

Quadrinhos



Capa

O maestro Luís Fernando Paina fala sobre sua história, sua família, seu trabalho e, principalmente, sobre uma pergunta: qual é o verdadeiro poder da música?

O.A. SECATTO

Não há ninguém igual ao Luís Fernando Paina. Fernandópolis desconhece alguém que, de súbito, é sempre lembrado quando se diz a palavra "música".

Repetindo o que disse com relação à querida amiga Helena Gomes (edição de março), desde já antecipo que sou a pessoa mais suspeita do mundo para falar do Fernando: ele foi um ídolo, depois professor, amigo e, não menos, compadre. Além disso, é e sempre será o único maestro maluco o suficiente para aturar-me num palco para "cantar" com a orquestra e maltratar os ouvidos alheios.

Nascido em São José do Rio Preto-SP, em 27 de agosto de 1973, aos 6 anos, o filho de dona Mercedes mudou-se para Fernandópolis. Aqui cresceu e estudou, graduando-se em Educação Física e, não menos, é o marido da Karen e pai do Luís Felipe. Já disse certa vez que seu primeiro instrumento foi um pianinho, aos 4 anos, dado por sua tia Neuza, tendo na escola, aos 10, o primeiro contato com a flauta doce. Nessa época trabalhou meio período como frentista, até que teve a oportunidade de ir à sede da Banda Municipal, que era no Centro Social de Menores. Lá recebeu um saxofone, caminhando toda quinta uns 6 km para chegar às aulas, até que passou a receber caronas do seu Dorival Bortoleto. Logo começou a tocar na Banda de Jales e em bailes nos finais de semana, bem como lecionar música na escola RHM.

Do presidente da banda na época, Hermes Bressan, ganhou a oportunidade de ter aulas no Conservatório Amadeus Mozart com o maestro Jonas Schneck Ferreira, onde aprofundou os estudos de harmonia, regência, teoria musical e prática de instrumentos. O passo seguinte foi o Conservatório de Tatuí, onde estudou regência para bandas com o maestro Dario Sotelo. Desde então, participou de diversos festivais em Campos do Jordão-SP, Tatuí-SP e Ouro Preto-MG — neste, em 2010 e 2011, foi professor no "Festival de Inverno de Ouro Preto", onde também dirigiu a banda do festival. Em dezembro de 2011, participou da 65ª Midwest Clinic (Conferência Internacional de Bandas e Orquestras) em Chicago, Estados Unidos.

Em 2012, foi produtor musical e responsável pela gravação de novo arranjo do Hino a Fernandópolis, e gravação e produção musical do CD da OSFER — Orquestra de Sopros de Fernandópolis contendo composições originais para banda sinfônica confecionadas pelos melhores arranjadores da América Latina.

Não bastasse, desde 2000, está à frente da OSFER, principal grupo da Corporação Musical de Fernandópolis, que desenvolve projetos culturais e sociais: a educação musical como instrumento de transformação social.

Enfim, uma edição inteira não seria suficiente para discorrer sobre toda a sua importância no cenário social e cultural de Fernandópolis e região, de sorte que é um privilégio poder, finalmente, registrar nesta entrevista um pouco da vida, da família e da carreira musical de Luís Fernando Paina.

Já são quantos anos de música?

Nossa, Osvaldo! Já são pelo menos uns 25 anos profissionalmente. Comecei a tocar na Corporação de Jales e de Fernandópolis com

18 anos. Como aprendiz do professor Manoel, entre as idas e vindas, devido à falta de apoio por que a banda passava, foram pelo menos uns cinco anos. Lembro-me como se fosse hoje da primeira aula de música com ele na escola Saturnino e as motivadoras lições do Bona (método musical de solfejo). Então é só somar... Acho que nem eu imaginava que já faz tanto tempo.

• Desses, quantos de OSFER?

Eu fui aluno da Corporação Musical na época em que o professor Manoel ia às escolas do município oferecer aulas gratuitas de música e a oportunidade de tocar na banda da cidade. Eu estava na 7ª série (8º ano hoje) e achei interessante a oportunidade. Porém, sempre que estava bem perto de começar a soprar em algum instrumento, a banda passava por algum problema e o professor não podia ir mais tomar as aulas.

• Qual a importância da família durante todo esse tempo?

A família sempre me deu um grande apoio em tudo. Mesmo nos momentos mais conturbados, eles sempre me incentivavam a seguir em frente, que as coisas dariam certo.

• E qual a parte da dona Mercedes nessa história?

Minha saudosa mãe também teve um pezinho no lado artístico quando jovem, e acredito que isso acaba influenciando, não é mesmo? (risos) Ela cantava em rádio e até compunha música na época, mas por ter que ajudar meus avós, teve de abandonar o sonho e cair na realidade da vida que vários e vários artistas passam. Faz parte!

• Você é uma referência na música em Fernandópolis. Como você lida com o peso dessa responsabilidade?

Puxa, Osvaldo, não sei se mereço tanto crédito assim. Obrigado por pensar isso de mim, porém acredito que só fiz o que acreditei ser o correto para incentivar e colaborar com algo que mudou minha vida: a música. Você, melhor do que ninguém, sabe o quanto sou grato, o quanto devo a Deus e à música, pois até nossa amizade e respeito se deu por conta dela. Todas as pessoas maravilhosas de cuja sincera amizade hoje compartilho eu conheci por conta de algum trabalho musical. Lidar com a situação de promover arte no interior do estado de São Paulo não é fácil, porém sempre algo de bom acontece. O importante é acreditar e fazer acontecer, sem esperar demais ou quase nada.

• O que a música significou — e ainda significa — para você?

Essa é uma pergunta muito comum, porém cada um tem um jeito de pensar e sentir do seu modo o que ela significa, pois somos únicos e cada

ser sente as coisas de forma diferente, e isso deve ser respeitado. Mas para mim ela significou o começo de uma jornada como filho, homem, amigo, marido, pai, pois meus moldes de caráter, amor, respeito e compromisso foram vinculados ao meu aprendizado musical. Mesmo se hoje eu não fosse trabalhar mais com música, devo a ela toda disciplina, entusiasmo, carinho, percepção para desenvolver uma função seja ela qual for.

Minha saudosa mãe também teve um pezinho no lado artístico quando jovem, e acredito que isso acaba influenciando

"A MÚSICA VENCEU"



Luis Fernando Paina

• Os projetos da OSFER são direcionados apenas a quem deseja se tornar músico?

Não. Na verdade, os projetos da OSFER são voltados a formar cidadãos de bem, pessoas que desenvolvam, criem e transformem suas próprias vidas e as de outras por meio do respeito, amor, disciplina e tudo que se aprende de valores éticos dentro desta instituição.

Claro que pela qualidade do serviço que é oferecido acontece de alguns seguirem a carreira musical. Como é o caso hoje do Murilo Mineli e do Mateus, que estudam no Conservatório de Tatuí, e do Rubens Lopes, que há vários anos reside na Europa, estudando no Conservatório de Paris — e agora está se preparando para novos ares na Alemanha. De outro lado, há aqueles que hoje são empresários, professores, mestres em faculdades, pedagogos, engenheiros, assistentes sociais,

advogados, e que tiveram na OSFER este algo a mais e que fez a diferença na vida e na carreira deles.

• A música realmente transforma vidas?

Não só a música, mas as artes em si e também podemos acrescentar os esportes como os melhores remédios para se curar uma sociedade doente e desenganada e devolver a dignidade, esperança e respeito à vida das pessoas.

• O trabalho desenvolvido na OSFER contribui de alguma forma para a população de Fernandópolis e região? Conseguiu transformar a vida de crianças e adolescentes?

A OSFER é o grupo principal da Corporação Musical de Fernandópolis, entidade fundada em 1970 e que realiza um trabalho social, musical e cultural de excelente qualidade, tanto que seu trabalho é elogiado e consagrado dentro do cenário musical por vários profissionais da área, como os maestros Dario Sotelo, Marcelo Jardim, Pablo Dell'Oca

Presente.

No palco com Leo Gandelman (à esquerda); Com a clarinetista Rocío Mairena (abaixo)



Sala (Argentina) e Carlos Ocampo Chaves (Costa Rica), Alexandre Travassos (compositor oficial da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo), Daniel Maudonet (pianista e compositor), por cantores da MPB, como Guilherme Arantes e Flávio Venturini, e renomados instrumentistas, como o trombonista João Paulo Moreira (Teatro Municipal de São Paulo), o saxofonista Leo Gandelman (Rio de Janeiro) e a clarinetista da Banda de San José Rocío Mairena (Costa Rica), que participaram como solistas convidados de uma série de concertos, tendo inclusive gravado, em 2013, um CD com músicas especialmente compostas para o grupo, além da regravação de um novo arranjo para o hino da cidade. Também tem importante atuação social na comunidade, pois usa a música como instrumento de educação e transformação de crianças e jovens, tirando-os das ruas e das situações de risco, para isso, e sendo uma instituição sem fins lucrativos, sempre contando com a ajuda de voluntários, doações, convênios e subvenções públicas, especialmente da Prefeitura de Fernandópolis.

• O que vale a educação musical na vida de uma criança, de um adolescente?

Acredito que ela seja uma atividade indispensável no processo de desenvolvimento da criança, pois ela auxilia no crescimento cognitivo e ajuda a ampliar ou potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória e várias outras habilidades das crianças, além de contribuir de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Por intermédio da música, as crianças passam a se conhecer melhor e também aos outros. A música torna capaz o desenvolvimento da imaginação e da criatividade audaz. Em outras palavras, "música faz bem e alimenta a alma".

• Você toca flauta, clarinete e, principalmente, saxofone. Quais são suas referências como instrumentista?

Dentro de meu aprendizado musical optei pelos instrumentos da família das madeiras, em especial os três citados por você. Tenho grandes nomes nacionais e internacionais que me inspiram, principalmente no saxofone que tomei como instrumento de preferência. Clarinetistas como Severino Araújo, Paulo Moura, Nailor Azevedo (Proveta), Eddie Daniels, Benny Goodman e saxofonistas como Leo Gandelman, David Sanborn, Eric Marienthal, James Carter, John Coltrane, Charlie Parker, entre outros.

• Por falar em Leo Gandelman, você dividiu o palco do Teatro Municipal de Fernandópolis com ele em 2011, no dia de seu aniversário... Dá para descrever o sentimento nessa hora?

Você estava lá e viu! (risos) Posso dizer que foi uma experiência incrível. Estar ao lado de uma pessoa que te inspira a fazer o seu trabalho é algo maravilhoso. Uma sensação única. O ídolo que se transforma em parceiro de profissão e amigo. Como descrever isso? Fantástico.

• Além do Leo Gandelman, outros artistas importantes da música brasileira já se apresentaram com a OSFER.

Sim, tivemos a oportunidade de realizar alguns concertos marcantes para a cidade e região. Grandes nomes da MPB, como Guilherme Arantes e Flávio Venturini, apresentaram-se com a OSFER em concertos que jamais esqueceremos. Assim como os concertos com músicos e solistas instrumentistas convidados, tais quais a clarinetista Rocío Mairena, da Costa Rica, João Paulo Moreira, e os maestros Dario Sotelo e Alexandre Takahama.

• A OSFER, como é mais conhecida a Corporação Musical de Fernandópolis, uma associação sem fins lucrativos, tal qual inúmeras outras entidades do município, sempre passa por dificuldades financeiras. O que pode ser feito para minimizar essa situação?

Acredito que deve ser desenvolvida uma política pública de incentivo cultural efetiva. Não estou falando de Lei Rouanet ou Proac, falo de medidas locais, pontuais e eficientes, pois cada lugar tem suas dificuldades específicas e somente com uma política séria e de responsabilidade é que as entidades cul-



OSFER.

Luis Fernando
à frente do
grupo principal



Encontro.

Com o maestro
Dario Sotelo, em 2011



Histórico.

Apresentação com
Guilherme Arantes

turais deixarão de ser tão desvalorizadas e passarão a ter o devido valor e apoio necessário, a fim de continuar a fazer pela sociedade o que o poder público não faz.

• Por que você insiste em maltratar os ouvidos do público comigo cantando com a OSFER? (risos)

Alguns anos atrás eu tive o prazer e o privilégio de formar uma parceria com a pianista, professora e solista Adriana Perdigiani para ocasionalmente tocarmos em cerimônias de casamento. Deste adorável e harmonioso dueto resolvemos ampliar nossos compromissos e criarmos o ceremonial musical Celebrare, que tem como principal objetivo fazer parte dos sonhos de uma data tão especial e contá-los através dos sons emanados pelas vozes e instrumentos que compõem nosso grupo hoje. Graças à qualidade e ao profissionalismo, expandimos nosso empreendimento e realizamos ceremoniais musicais não só em Fernandópolis, como também

nas cidades de Jales, São José do Rio Preto, Votuporanga e no estado do Mato Grosso do Sul e Goiás. E você, meu querido amigo, é uma destas maravilhosas pessoas que temos em nosso grupo. Somos — eu e a Adriana — muito gratos por termos pessoas como você em nosso ceremonial e acreditamos que se tivesse maltratando tanto assim os ouvidos das pessoas, não seríamos, graças a Deus, tão requisitados nas mais célebres e diversas cerimônias matrimoniais da cidade e região. Acredito que isso seja o resultado de muito profissionalismo e bom gosto das pessoas que optam em ter neste momento único músicas de qualidade e, claro, pessoas bonitas e elegantes como eu, você e a Dri. (risos)

**Realizamos alguns concertos marcantes para a cidade e região:
grandes nomes da MPB,
como Guilherme Arantes
e Flávio Venturini**

as pessoas que ainda acreditam em você e no potencial transformador da música?

Sou feliz e eternamente grato a todos por estarem ao meu lado nestes momentos tão especiais.

Obrigado pela doçura de seus gestos e pela ternura que sempre trazem em suas palavras nos momentos que eu sempre precisei. Serei sempre muito grato a todos. Um grande e forte abraço. E, como diz o maestro João Carlos Martins: "A música venceu".



Registro.
Com Flávio Venturini

Literatura

Publicado em folhetins em 1854, o romance de Manuel Antônio de Almeida é uma obra inovadora, não só por representar artisticamente um código social e moral que perdura até os nossos dias, mas sobretudo por apresentar uma estrutura narrativa igualmente moderna

'MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS': ROMANTISMO E TRANSGRESSÃO

VALDIVINO PINA DA SILVA

Publicado em folhetins no *Correio Mercantil* em 1854, o romance em questão é uma obra inovadora, não só por representar artisticamente um código social e moral que, de certa forma, perdura até os nossos dias, mas sobretudo por apresentar uma estrutura narrativa igualmente moderna. A transgressão conteudística e formal do próprio Romantismo fez com que a obra acabasse quase despercebida na época em que foi produzida. Quanto às reflexões de caráter social, pretendemos condensar o pensamento de Antonio Cândido, contido no seu ensaio *Dialética da Malandragem* e depois voltarmos para alguns traços estilísticos que ultrapassam os padrões artísticos da literatura brasileira de então.

Segundo o crítico, *Memórias de um Sargento de Milícias* é o retrato de uma sociedade em formação, em que a

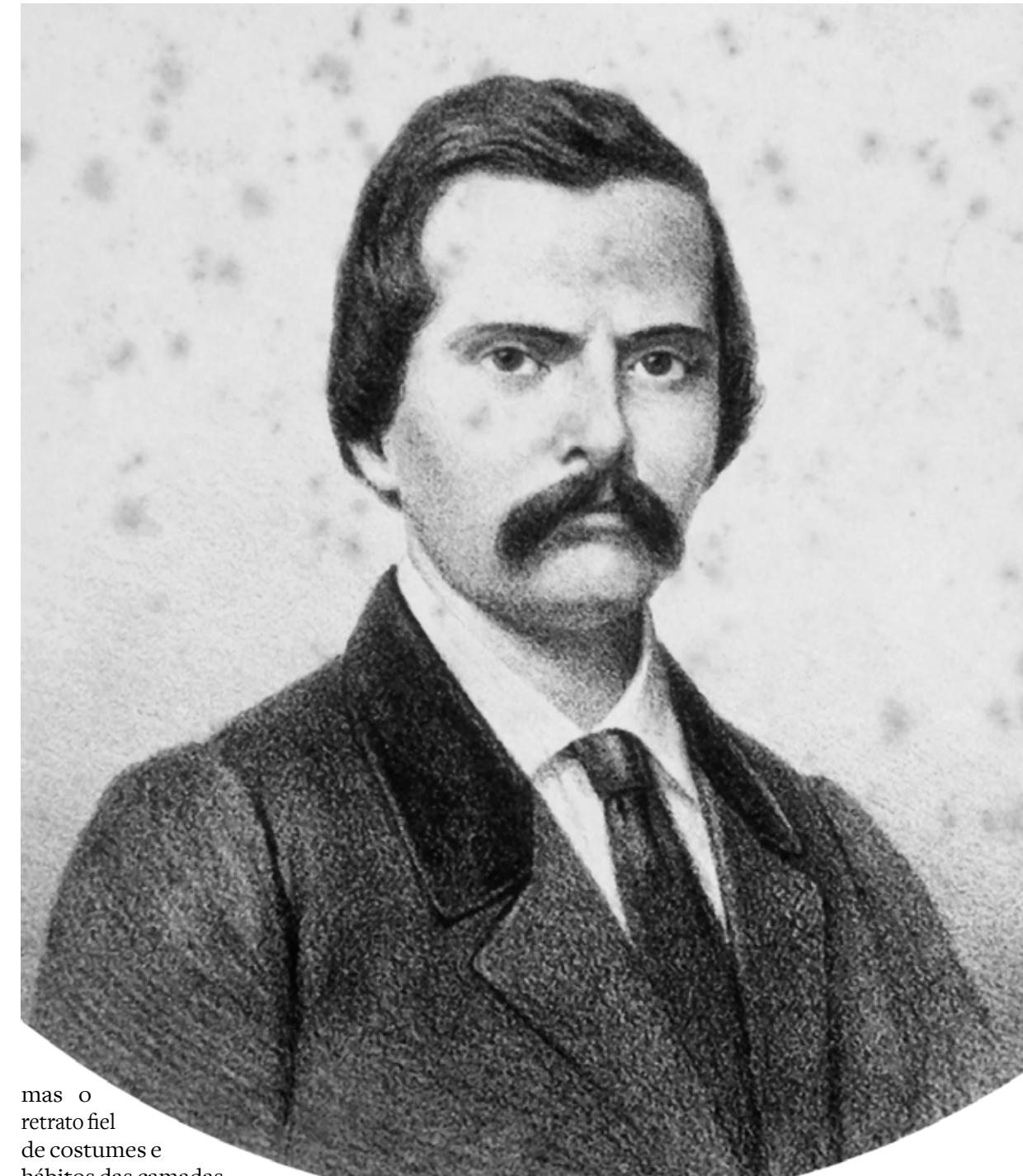
Ao invés dos personagens burgueses, temos agora as camadas populares, com sua linguagem coloquial repleta de incorreções gramaticais

Numa posição mediana e oscilando entre esses dois hemisférios, encontramos a personagem central, Leonardo Filho. Tentando encaminhá-lo para o lado positivo temos seu padrinho, o Compadre, e sua madrinha, a Comadre. Desde criança, ama Luisinha, paradigma da moça com a qual se deve casar. Ao perdê-la para José Manuel, após ser preso por vadiagem, encaminha-se para Vidinha, mulher com a qual se pode apenas ter prazer.

No entanto, a distinção entre o positivo e o negativo é apenas aparente. Afinal, o próprio Major Vidigal deixa-se corromper: amante de Maria Regalada, a fim de obter-lhe favores, não só solta Leonardo Filho, mas o promove a sargento de polícia, elevando-o definitivamente ao hemisfério positivo. Um caso semelhante aparece no Capítulo IX, "O Arranjei-me do Compadre", pois nele, o padrinho, que até então fora uma pessoa honesta, humilde, mostra-nos uma outra faceta: ficou com a herança de um capitão moribundo, arranjando-se na vida.

Em se tratando dos traços estilísticos, a obra ultrapassa os preceitos estéticos (características) próprios do Romantismo. A começar pela sua tessitura, os capítulos são autônomos, curtos; são pequenos relatos, unidos apenas pela presença do protagonista. Esse caráter fragmentário, digressivo (a narrativa não segue uma ordem linear), a presença de um leitor inclusivo e de um narrador que, não raro, analisa fatos e personagens, fazem da obra um romance de transição para o Realismo.

Embora com estrutura folhetinesca, uma história de amor com *happy end*, o autor transgride a estrutura dos folhetins. Ao invés dos personagens burgueses dominando a cena, com sua linguagem carregada de erudição, temos agora o retrato das camadas populares da sociedade carioca, com sua linguagem coloquial repleta de incorreções gramaticais. Não mais as personagens idealizadas,



mas o retrato fiel de costumes e hábitos das camadas

sociais inferiores, com traços até negativos, como é a descrição de Luisinha.

Portanto, não seria contrassenso classificar a obra como um romance antirromântico, uma vez que o autor, por meio da ironia, expõe o ridículo, o jogo de interesses, a crítica à Igreja, ao autoritarismo policial; enfim, mostra-nos um Romantismo às avessas, em

que não cabem as típicas idealizações que caracterizaram essa estética literária.

*

VALDIVINO PINA DA SILVA, MESTRE E DOUTOR EM TEORIA DA LITERATURA, É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Autor.

Manuel Antônio de Almeida

Crônica

O PRESENTE

Neste mês de maio, um emocionado texto que apenas tenta traduzir, em palavras, o que é um abraço de mãe

ISABELA ZARDA

"A humanidade se renova no teu ventre..."
Cora Coralina

Etu, que tens data especial, tens amor e carinho imenso dos teus amados, tens respeito e não te importas com o tempo passando pelos teus cabelos negros, deixando-os brancos. Não te importas em encarar o imprevisível Norte e a névoa boa ou ruim que ele traz; tu, mesmo murcha, ajudas os teus amados a florirem.

Eu que tão pouco posso ofertar a ti, queria dar-te o que jamais foi dado por um filho à sua mãe. Eu quisera entregar-te o momento em que passei meses da minha vida, juntinho ao teu corpo. Apesar do medo que me invadia por estar naquele escuro sem fim, sem nada entender, quisera te entregar o instante em que a calmaria invadia minh'alma,

quando sentia teu toque. E o instante em que ouvi a melodia mais linda do universo, a tua voz.

Ah, se eu pudesse te presentear com a solidão que sentia, mas também pudesse te presentear com a esperança que tive em persistir para te ver. Ah, se eu pudesse te devolver a noite mal dormida, porque fiquei ansioso pela vinda.

Eu apenas queria dar-te o momento do meu nascimento, o sentimento que senti ao ver tua silhueta embaçada em meio às lágrimas, da alegria que me penetrara. Quisera te presentear com a imagem mais perfeita que meus olhos já presenciaram, a tua beleza.

Eu que tão pouco posso te ofertar quisera dar-te a busca incessante que tive pelos teus braços quentes e aconchegantes, pelo teu carinho maternal. Quisera dar-te o sorriso que abriste quando olhaste meu rostinho pequeno e perdido no teu calor. Eu apenas de todo o coração quisera te entregar a Lua cheia que se expandiu pelo céu aquela noite e as estrelas mais brilhosas dele.

Mas, afinal, eu que nada posso dar-te queria então entregar esses versos de Tom que meu ser quer dizer para o teu:

"Eu sei que vou te amar / Por toda a minha vida eu vou te amar / Em cada despedida eu vou te amar / Desesperadamente, eu sei que vou te amar..."

*

ISABELA ZARDA, CURSANDO O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO, É VENCEDORA DO CONCURSO DE REAÇÃO TV TEM 2016

